



Consumo de electricidade e PIB chinês – tenuamente ligados

A actual recessão trouxe muitas incertezas, mesmo entre os economistas. Até aqui, o consumo de electricidade foi considerado como sendo um indicador fiável do crescimento macroeconómico. No entanto, o exemplo da China mostra que o que à primeira vista parece ser uma correlação óbvia pode ser, na realidade, um facto falacioso.

Nos últimos tempos a incerteza económica tem sido bastante elevada. Depois de muitos anos de forte crescimento, a economia mundial mergulhou na recessão. As causas desta recessão foram tudo menos homogéneas, variando de país para país. Em muitos países anglo-saxónicos houve bolhas nos sectores imo-

biliário, da construção civil e financeiro que se fizeram acompanhar de um forte incremento do consumo. A correcção destes excessos afectou também outros países, fruto do colapso das suas exportações e de uma fortíssima quebra no investimento. Estes eventos económicos aumentaram o interesse em informação fiável e rápida de obter. O interesse focou-se, sobretudo, em “factos concretos” – sondagens sobre o clima empresarial ou sentimento do consumidor passaram a ser recebidos com ceticismo. Um desses “factos concretos” é o consumo de electricidade, já que não é possível uma economia funcionar sem electricidade. Por isso, quando em finais de 2008

e princípios de 2009 foram reportadas quedas substanciais no consumo de electricidade chinês, o Mundo começou a preocupar-se com o desenvolvimento económico do gigante asiático. O que tornou a situação ainda mais preocupante foi o facto de as economias emergentes tenderem a apresentar maiores aumentos no consumo de electricidade do que os países desenvolvidos, consequência do aumento do número de pessoas pertencentes à classe média e da necessidade de energia para o desenvolvimento de infra-estruturas, por exemplo. A economia chinesa estava, claramente, a caminho da recessão.

No entanto, antes de se tirar esta conclusão é importante in-

vestigar um pouco mais. Examinando as estatísticas relativas ao comércio internacional chinês, torna-se claro que o país é um exportador líquido de produtos energia-intensivos como cimento e aço. Na verdade, dois terços da electricidade utilizada são canalizados para estes dois sectores. A diminuição nas suas exportações foi, portanto, a causa próxima da redução da utilização de electricidade.

Desta forma, a ideia de que a quebra no consumo de electricidade é, no caso da China, um “leading indicator” para o comportamento do PIB é, de certa forma, enganadora. Esta quebra deve ser interpretada como uma correcção e não como uma ten-

dência. A tendência, essa sim, de subida no consumo de electricidade deverá retomar muito em breve. É portanto importante que as autoridades chinesas se foquem quer no aumento de capacidade de produção quer na eficiência na utilização da capacidade já existente.

A incerteza quanto às estatísticas do PIB é, actualmente, maior do que em circunstâncias normais. Devemos, pois, encarar todas essas estatísticas – não apenas as chinesas – com um certo desconto.

À medida que a economia for entrando em águas mais calmas, as estatísticas económicas deverão voltar a ganhar a importância perdida.